AUTORES:Ana Carla da Rocha Farias ¹Nivalda Pereira Coelho ¹Berta Leni Costa Cardoso ¹¹ Universidade do Estado da Bahia
– UNEB, Brasil<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S5A.28>**Questões de gênero
no esporte: Uma luta
fora das quadras****PALAVRAS CHAVE:**

Esporte. Gênero.

Mulheres. Preconceito.

RESUMO

Historicamente, a mulher tem lutado por espaço na sociedade e no mundo esportivo, e mesmo com muitas mudanças, ela tem sofrido com preconceitos e estereótipos ainda presentes nos dias atuais. Porém, muitos rótulos estão sendo quebrados, e, assim sendo, o presente estudo teve como objetivo avaliar as questões de gênero presentes no futsal e no voleibol na visão de mulheres praticantes. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa; os dados foram coletados mediante entrevistas semi-estruturadas através de dois grupos focais realizados com nove mulheres praticantes de futsal e seis mulheres praticantes de voleibol, e analisados por meio do software Alceste. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNEB. Foram encontrados muitos preconceitos e estereótipos relacionados ao futsal e ao voleibol femininos, principalmente no futsal, por ser uma prática considerada socialmente como masculina. Dentre estes preconceitos e estereótipos foram evidenciados a falta de incentivo ao esporte e questões religiosas. Verificou-se que as mulheres que jogam futsal sofrem mais com os estereótipos do que as que jogam voleibol.

Gender issues in sport: a fight off the court**ABSTRACT**

Historically women have fought for a space in society and in the sporting world, and even with many changes, they have suffered with prejudices and stereotypes present in today's world. However, many labels are being broken, and, therefore, the present study aimed to evaluate gender issues present in indoor soccer and volleyball, in the view of women practitioners. This is a descriptive study with a qualitative approach; data were collected through semi-structured interviews with two focus groups conducted with nine women involved in women's futsal and six women who practiced volleyball, and analyzed using the software Alceste. The study was approved by the Ethics and Research Committee of UNEB. The results showed many prejudices and stereotypes related to futsal and women's volleyball, especially in futsal, a practice considered socially as male. Among these prejudices and stereotypes, lack of incentive to sports and religious issues were highlighted. It was found that women who play soccer suffer more stereotypes than those who volleyball.

KEYWORDS:

Sport. Gender.

Women. Prejudice.

INTRODUÇÃO

O tema gênero está sendo bastante pesquisado atualmente, porém, ainda existem muitas controvérsias em relação ao mesmo, bem como sua influência nas questões ligadas ao esporte. De acordo com Coackley (1994), questões de gênero foram muito discutidas na sociologia do esporte na década de 1990 e Hargreaves (2003) acrescenta que a história do esporte moderno foi baseada na divisão de gênero. Ainda se percebe uma redução da participação da mulher no esporte em relação à do homem, pois a participação feminina no esporte sempre esteve relacionada ou reduzida ao lazer. Segundo Cardoso (2011b), é importante discutir questões que relacionam preconceitos e discriminação da participação da mulher no esporte, principalmente porque estas questões surgem na esfera familiar e no âmbito social.

As mulheres têm hoje uma dupla jornada de trabalho, estando sempre acarretadas de muito serviço, atuando em vários contextos sociais, pois adquiriram várias conquistas na sociedade e buscaram seu espaço em todos os âmbitos sociais (Ávila & Portes, 2012). Em relação ao esporte, essa conquista foi lenta e ainda se perpetua, aos poucos foram aparecendo e sendo vistas mundialmente, porém nem sempre são reconhecidas. Cardoso (2011a), ao apresentar questões discutidas por Jennifer Hargreaves, aponta que em esportes existem muitas associações diferentes entre masculino/feminino e existem situações onde sexo e sexualidade, bem como: idade, habilidade, etnia, não são importantes. Mas ressalta que, em alguns esportes, as mulheres estão subordinadas em suas associações com homens; em outras situações conspiram em aparentes papéis subordinados; em algumas esferas dividem poder com homens e têm maior autonomia que no passado.

O espaço ocupado na mídia é mínimo ou até mesmo inexistente, sendo disputado com o espaço masculino, que atualmente se encontra mais aceito em várias emissoras de televisão, principalmente ao se tratar do futebol, o qual possui horários reservados na televisão brasileira.

O futsal é hoje um esporte muito praticado por ambos os sexos em várias regiões, com fins competitivos e também cooperativos e se faz muito presente nos conteúdos de aulas de educação física, bem como o voleibol, porém, este ainda necessita de mais espaços, pois, percebe-se o maior interesse das pessoas pelo futsal e futebol. E no âmbito competitivo, o voleibol aparece como um esporte de auto rendimento que tem conquistado um espaço importante nas grandes competições, tanto para homens quanto para mulheres.

Por conta dos preconceitos ainda existentes na sociedade, em relação às mulheres, mesmo após conquistas emanadas de muita luta, percebe-se nos dias atuais que alguns problemas de gênero persistem na sociedade brasileira.

No esporte, estas relações são visíveis em detrimento do que se vê e se ouve na mídia sobre o esporte feminino. A jogadora de futebol que mais ganhou o título de melhor do mundo é uma brasileira, o Brasil é considerado o país do futebol, porém, vê-se apenas o futebol masculino sendo divulgado constantemente e sendo comentado pelo povo.

O voleibol brasileiro é outra modalidade esportiva que vem ganhando espaço no mundo, sendo hoje praticado por ambos os sexos, e a divulgação e comentários sobre este esporte cresceu nos últimos anos. Percebe-se que o futsal, futebol e voleibol são as modalidades mais praticadas neste momento nas pequenas cidades.

Historicamente, o futebol e o futsal foram considerados apropriados para o sexo masculino, pelo maior contato físico e o voleibol para as meninas, visto que, aos olhos de alguns, não exige tanta força e não se tem contato físico ou tem-se muito pouco, além da bola ser atacada com a mão numa posição que ela dobre ao final, posição esta, considerada delicada e que se encaixa ao perfil feminino e/ou nos dias atuais, aos homossexuais.

No entanto, a ascensão feminina ainda não ocorreu, pois, muitos "pré-conceitos" reves-tem suas práticas esportivas, sendo as mulheres praticantes do futsal denominadas como "sapatão", "mulher macho", enquanto o voleibol é considerado ideal para mulheres, pois não desconfigura a imagem feminina, mantendo seu ar de delicadeza e também sua beleza, chamando a atenção do sexo masculino.

Então, procura-se identificar fatores sociais presentes no voleibol e no futsal, bem como possíveis estereótipos para que seja feita uma análise e averigüe se há a existência de aspectos em que as mulheres praticantes do futsal sejam mais masculinizadas do que as praticantes do voleibol.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção sobre discriminação e estereótipos de mulheres praticantes de futsal e mulheres praticantes de voleibol.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo com abordagem quanti-qualitativa. Neves (1996) aponta que esses métodos não se excluem, e que, embora difiram quanto à forma e à ênfase, trazem contribuições às pesquisas com procedimentos de cunho racional e intuitivo.

AMOSTRA

A população da pesquisa foi formada por mulheres que jogam futsal e mulheres que jogam voleibol em uma cidade do Sudoeste da Bahia, e como amostras foram selecionadas seis mulheres de voleibol e nove de futsal. Essa amostra foi selecionada por ser o quantitativo de praticantes que se encontravam no local da pesquisa na data e horário previamente agendados para as coletas, atendendo aos critérios de inclusão como: idade igual ou superior a dezoito anos, que praticam o voleibol ou futsal há mais de um ano, e que aceitaram participar da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em um ginásio poliesportivo, onde os esportes são praticados com todas as atletas de cada esporte separadamente. Foi feita de forma que não se sentissem intimidadas para que discorressem todos os seus relatos vividos com a prática dos esportes em questão.

Para resguardar as pesquisadas dos seus direitos éticos, a pesquisa foi composta por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado após a participante aceitar participar da pesquisa e antes da coleta de dados.

A abordagem foi realizada por grupos, de modo que elas ficassem à vontade para expressar sua opinião durante a entrevista.

A pesquisa seguiu as normas da Resolução nº 466 de 2012, sendo inscrita no CEP da Universidade do Estado da Bahia número de CAAE 50099015.7.0000.00w57 e parecer de aprovação número 1.436.821.

INSTRUMENTOS

Como instrumento de coleta, utilizou-se uma entrevista semiestruturada realizada em dois grupos (mulheres que jogam futsal e mulheres que jogam voleibol). A entrevista proporcionou a coleta de opiniões e relatos de experiências, mediante os temas que já haviam sido predefinidos como: preconceito, sexualidade, família, práticas corporais e esportes.

PROCEDIMENTOS

A entrevista semiestruturada foi realizada com base no grupo focal, utilizando o recurso de um gravador de voz para a coleta, extraindo informações pertinentes para pesquisa, isto porque segundo Smeha (2009), esta técnica de pesquisa possibilita uma maior interação entre o/a pesquisador/a e seus pesquisados/as acerca dos fenômenos sociais. O autor afirma ainda que através do grupo, os (as) pesquisados (as) revelam informações que poderiam deixar omitidas em casos de entrevistas individuais.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir do seu conteúdo e apresentadas por categorias com base no ALCESTE (análise lexical por conjunto de segmentos de um texto), que, segundo Cordeiro (2007), é um *software* de análise de dados textuais que analisa de forma automática as informações adquiridas de entrevistas e grupos focais.

Com o objetivo de sintetizar e categorizar as falas das praticantes foi realizada uma análise textual da produção semântica das falas, observando a relação entre as palavras, a frequência com que aparecem e suas associações em classes através do *software* ALCESTE. Segundo Cardoso, Sampaio e Santos (2015), enquanto o *software* permite identificar a recorrência temática a partir dos vocábulos das entrevistas, o estabelecimento de categorias temáticas da análise de conteúdo permite “[...] a interferência de conhecimentos referentes às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (Bardin, 2008, p.42).

O *software* Alceste produz uma análise estatística a partir de um único arquivo de texto denominado de unidade de contexto inicial (UCI) que, neste caso, corresponde às entrevistas transcritas e estas unidades de contexto são definidas pelo pesquisador (Cardoso et al., 2015).

A análise apresentou quatro eixos com cinco classes, em que há contribuições no contexto das falas, representando um aspecto do conteúdo expresso pelas praticantes.

RESULTADOS

PERFIL DAS ATLETAS

Foram entrevistadas nove praticantes do futsal feminino na faixa etária de 19 a 34 anos, com dois a 16 anos de prática de futsal, Dentre elas havia duas desempregadas, uma empregada doméstica, uma servidora pública federal, duas estudantes, uma autônoma, uma que trabalhava na contabilidade e uma que trabalhava com reciclagem.

O grupo de voleibol feminino entrevistado teve a participação de seis praticantes com idade entre 21 e 28 anos, com quatro a 16 anos de prática do voleibol, tendo algumas se afastado da prática e retornado após solução de fatos que as impediram.

Neste grupo, três das mulheres eram estudantes, duas donas de casa, e uma trabalhava, mas não disse em que área.

De forma a não identificar as participantes, receberam a nomenclatura de participante seguida de uma numeração e o nome do esporte que praticava.

EIXOS E CLASSES

A partir da análise do Alceste, criaram-se quatro eixos com cinco classes. O primeiro eixo, denominado “influência das relações sociais e do gênero no esporte” é constituído pelas classes 4 e 5; denominadas por “gênero e esporte” (classe 4) e “relações sociais e esporte” (classe 5). Esse eixo mostra como as relações sociais das praticantes e o gênero influenciam no esporte. As relações sociais estão associadas às relações com a família, amigos e com os relacionamentos amorosos.

FIGURA 1. Análise textual da produção semântica das entrevistas.

Em relação a essa influência social, a qual inclui a família, a participante 1 (voleibol) opinou de acordo com a percepção dela sobre a dificuldade de conciliar os afazeres domésticos das mulheres e o esporte:

É eu acho que para mulher é mais difícil conciliar, porque a responsabilidade dela como dona de casa e como mãe é muito maior do que o homem, então assim, já tá ditado que a mulher tem que cuidar do filho e tem que cuidar da casa, além de trabalhar fora e às vezes estudar. Então às vezes, acontece dela não conseguir conciliar mesmo gostando muito do esporte pra poder vim praticar, porque acaba cansando né? O cansaço é muito grande e também por falta de tempo, mesmo porque é muita responsabilidade em cima da mulher.

A participante 4 (voleibol) complementa relatando sua dificuldade em conciliar sua vida e o esporte:

Eu também, eu acho assim, porque eu mesmo, eu dependo do meu marido pra me poder vim, ele vim ficar com minha filha pra me poder jogar, eu chego aqui atrasada e, tipo assim, às vezes eu fico até, não posso nem reclamar né, porque no caso, é uma falta de compromisso meu, só que não tenho condições de cumprir de acordo. Porque o homem, né ele tem tempo, ele trabalha o dia inteiro, ele se acha mais cansado do que a mulher que fica em casa, é um preconceito muito certo, então acho que a mulher realmente tem muita dificuldade pra conciliar.

Verifica-se nas respostas como ainda é distinto socialmente o papel do homem e da mulher, neste caso específico, talvez por se tratar de uma sociedade presente em uma cidade culturalmente religiosa e com traços interioranos. Algumas atletas percebem o preconceito dentro das suas relações mais próximas e mesmo com tantos avanços sociais do papel da mulher, elas se responsabilizam, além do trabalho fora de casa, por todos os afazeres domésticos.

O segundo eixo, “incentivo no esporte e questões de gênero” é composto pelo eixo 1 e pela classe 3 denominados por “influência das relações sociais e do gênero no esporte” (eixo 1) e “incentivo” (classe 3). Este eixo demonstra como as influências de gênero no esporte estão associadas ao incentivo que o esporte feminino recebe. O incentivo a que se refere este eixo associa-se ao dinheiro, à ajuda financeira e ao patrocínio.

As entrevistadas percebem claramente as dificuldades e o preconceito que sofrem para participar de eventos patrocinados, pois empresários e a mídia ainda incentivam mais o esporte masculino, havendo falta de apoio também da sociedade local para seus eventos.

É mais questão da sociedade. Questão também [...] o nosso futsal, quando tem, por exemplo, um campeonato, quando tem campeonatos feminino e quando tem campeonato masculino você ver que [...] os comércios, tudo. O investimento no masculino é três, quatro vezes maior do que no campeonato feminino. Até patrocínio, até questão de [...] da prefeitura com nós, cê vê que o investimento maior [...] eu digo de forma geral, sempre é no futsal masculino mais do que no futsal feminino. (PARTICIPANTE, 4 FUTSAL)

O terceiro eixo, “incentivo X preconceito no esporte” é formado pelo eixo 2 e pela classe 2 denominada de preconceito no esporte. Atribui-se a este eixo o preconceito ao esporte feminino e sua relação aos incentivos recebidos.

Muito preconceito, sem dúvida. Sem dúvida, muito preconceito. Olha, no meu caso já aconteceu sim, quando eu era menor, néh. Meu apelido era moleque macho, porque eu sempre jogava bola com os meninos e, pra a sociedade, para o pessoal onde que eu morava era moleque macho. (PARTICIPANTE 1, FUTSAL)

Houve também a ideia de que esse preconceito surge pela dificuldade que os homens têm em aceitar a capacidade feminina para jogar o futsal igual ou melhor que os homens. Fica evidente nas falas das entrevistadas que a sociedade em que estão inseridas ainda julgam o que deve ou não uma mulher fazer e/ou realizar, e que essa constatação aparece desde suas ações infantis. Mostra também que além de serem julgadas por ações consideradas impróprias para seu sexo, são também julgadas por se sobressaírem de alguma maneira aos demais do sexo oposto.

Tem sim muito preconceito, ainda mais se a gente jogar muito melhor que um homem, aí sim vem o preconceito muito mais. Tipo, eles vão chegar e chamar de moleque macho, isso e aquilo, só porque a gente joga muito melhor do que eles. Aí eles vão querer botar a gente muito pra baixo. Jogando o preconceito na gente. Nunca sofri preconceito não, só as brincadeiras mesmo de mal gosto que eu acho que a maioria das meninas tem apelido de moleque macho. (PARTICIPANTE 6, FUTSAL)

O quarto eixo é composto apenas pela classe 1, chamada de “sexualidade e gênero”, e assim também ficou designado o nome do eixo, para a discussão da orientação sexual e do gênero no esporte, com apontamentos das próprias participantes sobre a relação de tais temas.

Verificou-se que questões de gênero se fazem presentes em todos os aspectos aqui apresentados nas falas das entrevistadas, seja nos aspectos em relação à discriminação à prática esportiva em modalidades socialmente ditas impróprias ao sexo feminino, seja em relação ao seu desempenho no esporte. Apesar dos avanços alcançados, muitas das entrevistadas vivem a dualidade de perceberem a mudança social de que podem realizar qualquer atividade sem distinção com a questão de serem exigidas socialmente ao papel recluso de mãe e dona de casa.

No grupo de futsal feminino com nove participantes, duas se declararam ser homossexuais, uma se absteve e não quis responder a essa questão e cinco se afirmaram como heterossexuais. No grupo de voleibol, das seis participantes, uma se declarou como homossexual e as demais como heterossexuais. A participante homossexual de voleibol é também praticante do futsal, porém, não estava presente no momento da coleta de dados de futsal. Isso significa dizer que o grupo de futsal, comparado ao grupo de voleibol, tem

mais meninas que se declaram lésbicas. “Sou gay.” (Participante 5, futsal); “Homossexual. Que gay?!” (Participante 8, futsal);

Eu sou lésbica. Não, não minha família já sabe, já tem eu acho que uns dois anos, já. Só que assim, eu sou muito discreta, [...] é uma cidade muito preconceituosa, [...] hoje eu sou assumida assim pra quem tá ao meu redor. E minha família, minha mãe é evangélica, é complicado pelo fato de minha mãe ser evangélica e ter [...] ter o lado da Bíblia e tudo mais, essas coisas, mas meu pai leva de boa, minhas irmãs são de boa [...] (PARTICIPANTE 5, VOLEIBOL).

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS

Ambos os grupos relataram problemas de aceitação familiar por motivos como o medo da filha se machucar, ou de não deixar fazer as viagens em grupo, por religiosidade e por paradigmas ditados pela sociedade, também por receio de deixar a filha sair à noite (os treinos eram a noite), e problema com os namorados de não aceitarem que jogassem porque ficavam pessoas assistindo, além dos que não aceitam o jogo com homens e mulheres jogando juntos.

No entanto, todas indicaram que no esporte não existe divisão de gênero, podendo ser praticado por qualquer pessoa, homem ou mulher. Uma das jogadoras enfatiza não existir restrição para o esporte, afirmando que atualmente a mulher está “mais atirada” (expressão usada por ela), fazendo o que quer e não porque é certo.

Em ambos os grupos foi unânime a presença do preconceito no esporte feminino, todas indicaram que já sofreram ou que já ouviram algo preconceituoso em relação à prática esportiva pelas mulheres, e especialmente pelo esporte que praticam. Foram citadas questões como a tecnologia, que tem deixado muitas pessoas em casa, sem praticar nenhum esporte, e colocado que a mídia coloca a academia como o foco de treinos, principalmente para mulheres, expõem que as pessoas acham que por serem mulheres deveriam frequentar uma academia a fim de manter o corpo perfeito, estabelecido pelos padrões estéticos da sociedade.

Foi narrada também a dificuldade de conciliação das mulheres com os afazeres de casa, trabalho, estudo, família com a prática esportiva, expondo momento em que o voleibol feminino chegou praticamente ao fim por falta de meninas e a saída do antigo treinador, pela falta de compromisso do grupo, pois nem todas davam conta de chegar na hora certa para os treinos, bem como havia as que não conseguiam ir de forma nenhuma.

Para os dois grupos, as respostas sobre a orientação sexual das mulheres serem influenciadas pelo esporte ganhou o mesmo viés, afirmando todas que o esporte não influencia na orientação sexual. No entanto, uma participante do grupo de futsal mencionou que, em sua opinião, pode ocorrer influência de mulheres lésbicas em mulheres heterossexuais.

Das nove mulheres participantes do grupo focal de futsal, duas se afirmaram como lésbicas, uma não quis se manifestar e as demais se declararam como heterossexuais. No grupo feminino de voleibol, uma se afirmou como lésbica e as demais como heterossexuais. Ambos os grupos disseram não haver nenhum problema com nenhuma das orientações sexuais expostas, sendo surpresa para algumas heterossexuais a declaração de suas colegas.

DISCUSSÃO

A partir dos estudos levantados sobre a mulher no esporte, percebe-se que fatores como a família e as relações sociais interferem na continuidade ou afastamento dos esportes, isso porque a mulher hoje tem sua dupla jornada de trabalho ou até mesmo tripla, como é enfatizado por Ávila e Portes (2012), em que a mulher deve dar conta da família, do trabalho fora do lar e da vida universitária.

A responsabilidade da mulher em cuidar da casa e dos filhos deixa sua carga horária média de trabalho inferior ao dos homens, porém os supera ao somar a carga horária total de trabalho exercido (Dedecca, Ribeiro, & Ishii, 2009).

Os dados desta pesquisa mostram que as relações sociais aparecem bastante no esporte como forma de expressar incentivo ou de descontentamento ao esporte escolhido pelas praticantes. Parte da família e dos amigos aparece como incentivadores das práticas esportivas atualmente, pois no início, a escolha pelo esporte não agradava a todos, outras indicam a falta desta influência até os dias atuais.

Kinijnik (2006), em sua tese de doutorado, obteve como resultados das entrevistas feitas com jogadoras de futebol, a porcentagem 42.31% de apoio da família ao esporte praticado, isto com jogadoras de 16 a 21 anos, o resultado não foi o mesmo para as atletas mais velhas, pois disseram ter mais problemas com a aceitação da família.

Cardoso (2011a), ao analisar lutadoras de boxe, verificou que a maioria das famílias e amigos das entrevistadas não aceitava a prática dessa modalidade por julgá-la inadequada para mulher e evidenciaram que eles percebem o boxe como marginalizado e violento.

As relações sociais são importantes aliadas na continuação da prática esportiva e, a influência que o meio social estabelece, torna-se para muitas, fundamental, pois ter a família e os amigos como aliados de uma escolha possibilita a continuidade da mulher nas práticas esportivas, visto que necessitam conciliar a jornada de trabalho que inclui a família e os afazeres de casa com o trabalho remunerado e suas práticas de lazer.

Percebe-se, portanto, não apenas a dificuldade de conciliar os horários, mas as questões de gênero presente na sociedade, em que são ditados os afazeres da mulher, enquanto donas de casa e enquanto mães. Pois, nas falas das entrevistadas, fica claro que a mulher hoje está sujeita a situações impostas pela sociedade, onde seu tempo deve ser dedicado primeiramente a família e a seu lar e, posteriormente, aos demais afazeres.

Culturalmente, no âmbito do esporte, há uma maior predominância do sexo masculino na desenvoltura destas atividades, isto porque se acredita que os homens tenham maior aproximação com os esportes que as mulheres (Cruz & Palmeira, 2009).

As questões de gênero no esporte, presente nas falas das pesquisadas ocorre a quase todo o momento, inclusive citando situações que ocorrem dentro das escolas. Tenroller (2004) notifica o quão importante é a prática de atividades físicas realizadas por ambos os sexos juntos na escola, pois contribui para alterar o quadro cultural existente, já que as di-

ferenças são trazidas pelos próprios alunos ao chegarem à escola. Coakley (1994) afirma que as meninas sempre são protegidas pelos pais, e eles reforçam restrições de atitudes masculinizadas, desencorajando-as a assumirem posturas socialmente independentes.

Pereira e Fonseca (s/d) discorrem que os estereótipos, preconceitos quanto à inserção da mulher no esporte se dá de forma cultural, porque desde cedo é ditado quais os brinquedos adequados a cada sexo, sendo em alguns casos reforçados nas escolas. O meio esportivo ainda é muito machista, a participação da mulher é muito pequena e nos meios administrativos é menor ainda (Cruz, Barosa Neto, Santos, & Lessa, 2008; Gollner, 2005).

Embora seja em número pequeno, as mulheres têm conseguido espaço nos cargos esportivos destinados inicialmente ao público masculino. Cargos como repórteres, apresentadores e comentaristas esportivos foram os primeiros a serem ocupados por elas, seguidos por árbitros e auxiliares de arbitragem, posições antes assumidos exclusivamente por homens (Stalhberg, 2013).

As questões de gênero, embutidas no esporte, categorizam as práticas com viés masculino e feminino, apontando os caminhos que cada sexo deve seguir. Embora esses apontamentos sejam feitos pela sociedade patriarcal, ainda hoje são seguidos por muitos como algo que não deve ser modificado.

Stalhberg (2013) percebe em seu estudo que mesmo com as conquistas das mulheres no âmbito esportivo, sua prática no futebol enfrentará uma luta constante com problemas de estereótipos. Para os cargos como árbitra, "a discriminação pelo sexo, ancorada em fatores construídos culturalmente, impede ou dificulta que algumas mulheres assumam esse cargo" (Romariz, Votre, & Mourão, 2012, p. 228).

Cardoso et al. (2015) verificou nos discursos das boxeadoras que os aspectos relacionados às diferenças entre homens e mulheres permeiam construções sociais de gênero relacionadas ao estereótipo de masculino e feminino, bem como diferenças comportamentais e atitudinais.

A classificação de práticas para homens e para mulheres contribui para que o gênero seja enfatizado nas práticas, considerando mulheres que praticam o futsal (prática considerada masculina pela sociedade patriarcal) como "mulher macho". Esta denominação não recai sobre as meninas jogadoras de voleibol, porque este é um esporte considerado inicialmente para o público feminino.

A presença da mulher nas quadras é considerada uma afronta à sociedade, pois viola as normas sociais e distorce a visão de masculinidade e feminilidade exposta nas regras sociais, porém necessitam de reconhecimento público e valorização (Kesller, 2010). No entanto, Romariz et al. (2010) consideram que as representações biológicas do corpo não estão mais ancoradas no entendimento de que os "esportes viris" são apenas para homens. Pontuam que, atualmente, o esporte é para homens e mulheres independente da modalidade. Contudo, afirma ser o voleibol o esporte mais praticado pelas mulheres brasileiras, mas observa também que seu crescimento ocorreu apenas em número de praticantes e para as posições de gestão ainda são poucas.

Embora exista o indício de que o voleibol praticado pelos homens é também sinônimo de classificações pelo meio social, o esporte continua sendo mais aceito para os homens do que para as mulheres, independente da modalidade esportiva, a exemplo dos cargos de gestão no voleibol trazidos pelos autores citados acima. Percebe-se que são questões associadas ao preconceito existente quanto ao papel da figura feminina na sociedade e as suas conquistas.

O esporte sempre foi categorizado para o sexo masculino e a inserção da mulher neste espaço ainda é recente e necessita de mais conquistas. Dessa forma, o incentivo ao esporte masculino é visível em qualquer escala e modalidade. É comum ouvir relatos que o esporte feminino não tem visibilidade e que não gera retorno aos patrocinadores se comparado ao esporte masculino, e mais ainda, se comparado ao futebol masculino.

Marta (artilheira da seleção brasileira de futebol) é hoje considerada um símbolo do futebol feminino e assume "papel político ao mediar com chefes de governo pedidos de investimento e atenção ao futebol feminino" (Salvini & Marchi Júnior, 2013, p. 62). Os autores remetem a tal fato visto que o futebol feminino brasileiro tem pouca visibilidade e que algumas jogadoras saem do país para jogar fora, porque são poucas as oportunidades no país.

Os relatos das pesquisadas deixam claro a carência de incentivo ao esporte feminino vivenciado por elas, enquanto praticantes representantes de sua cidade, citam o órgão público da cidade e os comércios locais como categorias que não incentivam o esporte feminino, enquanto ressaltam o incentivo recebido pelo esporte masculino local.

Goellner (2005) diz que embora a mulher não tenha o mesmo incentivo, e isto ela se refere desde a inserção das mulheres no esporte, a ampliação destas nas modalidades esportivas foi significativa para a criação de competições de grande porte destinadas apenas para o público feminino.

Evidencia-se, portanto, que as questões de gênero citadas inicialmente influenciam no incentivo ao esporte que as atletas não têm, ou têm inferior ao do sexo masculino, e ratifica o preconceito citado por todas as pesquisadas, quanto à presença da mulher no esporte.

A falta de incentivo às práticas esportivas femininas em forma de patrocínio para a continuação dos jogos e para a realização de viagens transmite às jogadoras as formas de preconceito explícitas na sociedade. Quando indagadas sobre o preconceito no esporte, todas relataram sua existência, embora algumas dissessem não ter sofrido.

Mas durante os relatos fica evidente que todas (os dois grupos) passaram por algo em que o preconceito, por sua prática, se fez presente. A primeira forma citada vem da informação que alguns membros da família não aceitavam que elas jogassem, porque esportes eram considerados masculinos e mulheres deveriam ficar em casa, não poderiam viajar, teriam que cuidar dos filhos. A segunda, pelo maior incentivo aos grupos masculinos e terceiro pelos apelidos recebidos de amigos, vizinhos e família e por modismo.

Hillebrand, Grossi e Moraes (2008), em estudo realizado sobre o preconceito com mulheres praticantes do esporte universitário, encontraram que o preconceito de gênero está presente na prática do futsal pelas opiniões formadas da sociedade e reforçadas pela família, "de que as mulheres que jogam futsal são 'machonas' e pouco 'femininas'" (p. 427).

Nas falas das entrevistadas do grupo de futsal, esses estereótipos também são trazidos como preconceito, sendo enfatizado por apelidos que receberam.

Mesmo sendo considerado apenas brincadeiras para algumas, esse tipo de estereótipo está ancorado no convívio social dessas mulheres e não é considerado brincadeira por todas. Constituem-se como preconceito e estão enraizados nos valores da mulher na sociedade, assemelham-se as demais lutas das mulheres, porém em outro âmbito (Hillebrand et al., 2008).

Corrêa, Silva e Masullo (2015) identificaram dados parecidos com este estudo, pois parte das jogadoras questionadas por eles afirmaram não ter sofrido preconceito, outras relataram que sofrem com termos pejorativos relacionados à homossexualidade, e outras ratificaram ser algo sofrido por todas.

Percebe-se, portanto, as diversas maneiras como o esporte feminino é tratado no meio social. A religião, junto com o fator idade das avós e mãe, também foi posto por três participantes como fatores que influenciam o preconceito na vida esportiva delas, porém foi enfatizado apenas por uma praticante, pois o fato de sua avó ser de uma igreja muito tradicional e ser da terceira idade não aceita nada que não esteja dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, evidenciando mais uma vez a influência e incentivo da família e do meio social em que vivem.

As questões sobre sexualidade e esporte tiveram entre os dois grupos, praticamente, as mesmas respostas, quando todas afirmam não haver influência do esporte na orientação sexual, mas dizem ter sofrido com indagações e serem tachadas como homossexuais apenas por praticar esporte.

De acordo com Goellner (2000), vários preconceitos e estereótipos ainda cercam a prática feminina do futsal feminino, coloca em dúvida sua sexualidade ou a associam a perigos do choque da bola com a saúde reprodutiva.

Nota-se que, mais uma vez, as questões de gênero são focalizadas pelas praticantes, pois observam a forma como são julgadas pela sociedade, e os termos utilizados se assemelham aos que Kesller (2010) julga ser os mais comuns de se ouvir em estádios, quadras e campos.

Em contradição com as respostas adquiridas pelas jogadoras de futsal e de voleibol deste estudo, Ferreira, Salles, Sousa, Moreira e Zeferino (2010) identificaram que as mulheres praticantes do esporte acreditam que alguns deles como o futsal, futebol e as lutas podem interferir na feminilidade das mulheres tornando-as masculinizadas. Os autores supõem que a mudança dessa ideia deve-se à maior exposição do corpo homossexual, do esporte e da prática pelas mulheres.

Verificou-se a religiosidade como algo presente na vida das praticantes, não colocando o esporte feminino como algo errado, mas enfatizando que a religião de um familiar pressupõe que a participante não esteja vivendo de acordo com que considera o “correto”, assim muitos pais não aceitam “que seus filhos sejam praticantes de algo considerado como ‘contra a natureza’, que exclui o indivíduo da boa vontade divina” (Silva, 2011, s/p).

A sexualidade, portanto, não é posto como um problema para as praticantes, mas enfrentam dificuldades sociais e familiares, recaindo também pelas amigas ao saírem juntas.

CONCLUSÕES

Conforme analisado, percebe-se que tanto no grupo de mulheres praticantes do futsal, quanto no de mulheres praticantes do voleibol, os preconceitos relacionados à prática esportiva realizada por mulheres existem e esses dados foram evidenciados nas diversas formas de preconceito. O grupo de futsal evidenciou os estereótipos presentes na sociedade para as jogadoras de futsal; o grupo do voleibol evidenciou os incentivos financeiros que são bem menores para o esporte feminino, além de categorizar os hábitos do mundo *fitness* associado apenas à academia de musculação.

Dentre os estereótipos, a sexualidade foi citada pelos dois grupos como algo presente na opinião social, no entanto, a maioria se atentou ao futsal, que ainda é considerado masculino, deste modo, a modalidade voleibol apareceu em poucas falas para demonstrar que também já sofreram preconceito relacionado à sexualidade. O que nos faz entender que as mulheres que jogam futsal sofrem mais com os estereótipos.

Portando, supõe-se que o maior índice de mulheres homossexuais encontradas no grupo do futsal em comparação ao voleibol, faça com que o preconceito relacionado ao gênero seja mais forte para esse grupo, considerando que as mulheres homossexuais preferem jogar o futsal, esporte este já posto como masculino.

Desta forma, compreende-se que o universo do esporte feminino, e em especial dos municípios do interior da Bahia, em que o número da população é pequena e com características tradicionais, os preconceitos e estereótipos no esporte para mulheres se faz muito presente, envolvendo diversos fatores que dificultam a presença das mesmas no esporte. A cidade em que a pesquisa foi realizada é considerada tradicionalmente religiosa, o que causa uma maior resistência por parte da sociedade na aceitação de homossexuais, dificultando as praticantes que assim se declararam assumirem sua orientação perante a comunidade.

Sugere-se novas pesquisas sobre questões de gênero no esporte feminino, de maneira a aprofundar sobre as questões relacionadas à sexualidade no esporte, já que os estereótipos se fizeram muito presentes. Além de considerar a presença do/a professor /a de educação física nas séries iniciais do ensino básico como essencial para contemplar as discussões sobre gênero desde o início de sua formação enquanto sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Ávila, R. C., & Portes, E. A. (2012). A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: Trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. *Estudos Feministas*, 20(3): 809-832.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo* (5ª Ed.). São Paulo. Edições 70.
- Cardoso, B. L. C. (2011a). *Percepção das dificuldades encontradas por mulheres atletas praticantes do boxe* 2011. Tese de doutorado, Universidade Católica de Brasília, Brasil.
- Cardoso, B. L. C. (2011b). Jennifer Hargreaves: um estudo sobre mulheres no esporte. *Esporte e Sociedade*, 5(16), 1-9.
- Cardoso, B. L. C., Sampaio, T. M. V., & Santos, D. S. (2015). Dimensões socioculturais do boxe: Percepção e trajetória de mulheres atletas. *Movimento*, 21(1), 139-154.
- Coakley, J. J. (1994). Gender: Is equity the only issue? In J. J. Coakley (Ed.), *Sport and society: Issues and controversies* (5th Ed.). Colorado. Brow & Benchmark.
- Cordeiro, Y. C. (2007). *A relação entre a constituição de identidade e a prática da capoeira*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasil.
- Corrêa, L. S., Silva, N. R. S., & Masullo, R. V. (2015). A percepção de meninas praticantes de futsal em relação ao preconceito sobre o sexo feminino na prática do esporte. *Revista Acta Brasileira do Movimento Humano*, 5(3), 1-9.
- Cruz, M. M. S., Barosa Neto, J. N., Santos, F. K. S. & Lessa, F. J. (2008). O futebol feminino em Guanambi: Realidade vestida de preconceito. *Unimontes Científica*, 10(1/2), 2-11.
- Cruz, M. M. S., & Palmeira, F. C. C. (2009). Construção de identidade de gênero na educação física escolar. *Motriz*, 15(1), 116-131.
- Dedecca, C. S., Ribeiro, C. S. M. F., & Ishii, F. H. (2009). Gênero e jornada de trabalho: Análise das relações entre mercado de trabalho e família. *Trabalho, Educação e Saúde*, 7(1), 65-90.
- Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., Sousa, D. A., Moreira, N. C. L. & Zeferino, J. C. (2010). Preconceito de gênero: A visão das atletas de futsal feminino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 9(2), 223-230.
- Goellner, S. V. (2000). Pode a mulher praticar o futebol? In P. C. R. Carrano (Org.), *Futebol: Paixão e política* (pp. 79-93). Rio de Janeiro: DP & A.
- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, 8(1), 85-100.
- Hargreaves, J. (2003). *Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sports*. New York. Routledge.
- Hillebrand, M. D., Grossi, P. K., & Morais, J. F. (2008). Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. *PSICO*, 39(4), 425-430.
- Kessle, C. S. (2010). *“Entra aí pra completá”*: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Knijnik, J. D. (2006). *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: Característica, uso e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1(3): 1-5.
- Romariz, S. B., Votre, S. J., & Mourão, L. (2012). Representações de gênero no voleibol brasileiro: A imagem do teto de vidro. *Movimento*, 18(4), 219-237.
- Salvini, L. & Marchi Júnior, W. (2013). Velhos tabus de roupa nova: O futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010. *Praxia*, 1(2), 55-66.
- Silva, J. P. (2011). Homossexualidade na família: Como o preconceito pode afetar a sociabilidade de jovens gays. Grupo de Trabalho: Cidadania Sexual, Diversidade e Direitos Humanos: intersecções entre diferença, poder e violência. *II Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Ilegalismos e lugares morais*.
- Smeha, L. N. (2009). Aspectos epistemológicos subjacentes a escolha da técnica do grupo focal na pesquisa qualitativa. *Revista de Psicologia da IMED*, 1(2), 260-268.
- Stalhlberg, L. T. (2013). *Mulheres em campo: Novas reflexões acerca do feminino no futebol*. São Carlos: UFSCar.
- Tenroller, C. A. (2004). *Futsal: Ensino e prática*. Canoas: ULBRA

AUTORES:

Jean Claude Lafetá¹
 Geraldo Magela Durães¹
 Marcel Guimarães da Silveira¹
 Thaislaine Freitas G Santos¹
 Maria de Fátima Matos Maia¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Minas Gerais, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S5A.43>

Efeitos agudos da ginástica laboral compensatória na atividade eletromiográfica

PALAVRAS CHAVE:

Ginástica laboral. Saúde ocupacional. Eletromiografia de superfície.

RESUMO

Várias pesquisas têm sido publicadas acerca dos benefícios da ginástica laboral. No entanto, são limitadas as evidências dos seus efeitos na atividade eletromiográfica. Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos agudos da Ginástica Laboral Compensatória (GLC) na eletromiografia de superfície – EMGs do músculo deltoide anterior. Dezesesseis acadêmicos selecionados intencionalmente por conveniência participaram desta investigação. Eles foram submetidos a análise EMGs (*root-mean-square*, contração isométrica voluntária máxima [CIVM] e frequência mediana [FM]) no pré e pós-teste. A sessão da GLC ocorreu apenas no grupo experimental. O grupo controle permaneceu em repouso. No tratamento estatístico, recorreu-se à análise descritiva dos dados, aos testes *t* de *Student* para amostras pareadas (pré e pós-teste) e ANOVA para medidas repetidas (entre grupos), com $p \leq .05$. Os resultados demonstraram que a GLC não promoveu uma mudança significativa na EMGs, embora tenha ocorrido um aumento na FM do deltoide D dos grupos experimental ($p = .004$) e controle ($p = .05$), além de uma redução da CIVM do grupo controle ($p = .002$). A partir do exposto, conclui-se que a GLC não propiciou alterações agudas marcantes na EMGs, não interferindo, assim, na produção da força e na redução da fadiga muscular.

Correspondência: Jean Claude Lafetá. Universidade Estadual De Montes Claros (UNIMONTES), Minas Gerais, Brasil. (jclafeta@yahoo.com.br)